Capítulo 8: Areia por Cima

Além do Capítulo 1, nenhuma das histórias de encontros até agora chegou a ser um relacionamento sério e comprometido. Algumas foram só um beijo do nada. Outras eram casos casuais. São divertidas de recontar, mas não me fizeram exatamente sentir cuidado ou VISTO.

Quero dar um pouco de esperança aos leitores, se vocês quiserem. A vida não precisa ser um jogo sem fim de Primeiras Vezes (primeiro encontro, primeiro beijo, primeira discussão). Eu não sabia como escreveria sobre esta, mas descobri que a pessoa em questão me bloqueou, então posso basicamente dizer o que eu quiser sobre ela. O que eu quero dizer é que ela é ótima.

Esse é o ponto interessante: nunca tivemos uma briga ou uma discordância séria. Por algum motivo, simplesmente não deu certo. Foi confuso ouvir, na hora, que ela queria terminar. No fundo, eu também sentia que faltava alguma coisa. A faísca não estava lá, mas eu estava disposto a tentar diferentes técnicas de acender fogo, para usar uma metáfora ruim.

Vamos chamá-la de [M]. Eu finalmente tinha encontrado alguém que não só falava inglês, mas era, de fato, professora de inglês. Foi a primeira vez que consegui enxergar um futuro de verdade com alguém desde que terminei com minha ex-esposa.

Vou contar rapidinho como nos conhecemos, porque achei engraçado em vários níveis. Conheci a [M] num aplicativo de namoro. Trocamos algumas mensagens em português, obviamente eu usando o Google Tradutor. Quando percebi que a conversa estava boa, pedi para sairmos do aplicativo, basicamente para conversar pelas redes sociais ou trocar WhatsApp. Ela respondeu que preferia continuar conversando no aplicativo.

Fiz minha melhor tentativa de humor em português e disse algo como: “Vou abrir uma exceção para você e continuar usando o aplicativo.” De repente, a conversa esfriou. Não pensei muito nisso. Isso acontece com frequência em encontros online. Você pode ser bloqueado ou desfeito o match a qualquer hora, por qualquer motivo. Começa a parecer ruído branco.

Avançando uma ou duas semanas. Abro o aplicativo e de quem é a mensagem que eu vejo? A [M] tinha me mandado um oi, dizendo que tinha acabado de me ver andando na rua. Em inglês. Achei estranho. Por que alguém que tinha me “dado um ghost” entraria em contato em inglês, e ainda saberia como eu sou o suficiente, só pelas fotos, para me reconhecer na rua?

Trocamos algumas mensagens e combinamos de comer alguma coisa naquele dia, já que os dois estávamos livres. No encontro, perguntei como ela tinha percebido que era eu. Ela disse que tinha ouvido o Cara da Banca me cumprimentar pelo nome. Era perto da minha casa, então eu ia lá com frequência.

Aí surgiu o assunto de por que ela não tinha continuado a conversa no começo. Ela disse que o jeito como a minha mensagem sobre abrir uma exceção para ela soou em português pareceu grosseiro. Fiquei honestamente chocado, mas não fiquei remoendo. Por dentro, eu pensava: graças a Deus ela não me conhecia como o Cara do Beijo no Ombro. Isso teria sido muito mais fácil de interpretar como grosseria, e aquele aconteceu pessoalmente. Mas, justo, quanto à tradução. O Google Tradutor e eu já criamos inimigos antes.

Essa história sempre vai ficar comigo porque a falta de um idioma em comum não era o problema aqui. O problema era que não conseguíamos nos expressar por completo um com o outro. Duramos cerca de oito semanas.

Isso foi bem recente. Tenho quase 40 anos ao escrever isto e estou muito na fase em que quero uma parceira séria. Não quero falar mal de namorar no Rio. Amo este lugar de todo o coração. Mas ele traz alguns obstáculos bem interessantes. Considero o Rio a Las Vegas da América do Sul. Ele não atrai só turistas festeiros de todo o Brasil. Atrai do mundo inteiro.

Como eu disse, não sou de festa. Sei que a maioria destas histórias envolveu álcool, mas na verdade sou uma pessoa bem preocupada com a saúde. O álcool é um depressor, então pode desencadear episódios depressivos. Não me leve a mal, eu me solto de vez em quando. Mas isso está longe de ser a norma.

Eis por que acho que namorar no Rio é difícil para mim: sou alguém que ama um nascer do sol porque acordou para vê-lo, e não alguém que passou a noite toda na rua e por acaso o viu. Existe uma mentalidade de “o que acontece no Rio fica no Rio”. A maioria dos expatriados que moram aqui não pensa assim. Claro, seria divertido viver como se fosse uma festa constante. Mas quem vai pagar as contas?

Eu disse no começo que sou divorciado. O motivo mais óbvio de não estarmos juntos é que eu a traí. Esse é o perigo de tudo isso: um dia aparentemente inocente pode terminar com você beijando alguém que não devia. Mas é bem mais complexo do que isso. Quero dedicar um minuto a descrever por que aquele relacionamento acabou. Você já conhece a história de como nos conhecemos.

No começo, as coisas eram casuais. Depois de algumas semanas nos vendo, eu disse que estava curtindo, mas não conseguia imaginar aquilo virando algo exclusivo até que um de nós aprendesse o idioma do outro. Parabéns a ela, que é basicamente fluente, enquanto eu ainda luto para falar as palavras mais simples em português.

Com o tempo, fomos ficando mais próximos, e eu comecei a mudar de opinião. Ela também melhorava a cada dia. Depois de cerca de dois anos, decidimos tornar o relacionamento exclusivo. Esse foi o começo do fim. Enquanto éramos casuais, por quase dois anos, durante a

minha fase de nômade digital, parecíamos ter uma comunicação incrível. Claro, tínhamos nossos problemas, mas sempre encontrávamos o caminho de volta um para o outro.

Olhando para trás, os dois relacionamentos são imagens espelhadas. Com a minha ex-esposa, eu mal falava o idioma dela e ainda assim nos comunicávamos de um jeito incrível, até ficarmos sérios. Com a [M], compartilhávamos um idioma, mas mesmo assim eu não sentia que nos entendíamos de verdade.

Desejo a ela, de coração, o melhor. Os holandeses têm uma expressão para momentos como este: *zand erover* (areia por cima). Felizmente, eu moro no Rio. Aqui tem areia de sobra.